



LINGUÍSTICA COGNITIVA E ENSINO: *FRAMES* NO TEXTO “CIRCUITO FECHADO (2)”, DE RICARDO RAMOS, E A SUA RELAÇÃO COM A INFERENCIAÇÃO

COGNITIVE LINGUISTICS AND TEACHING: *FRAMES* IN THE TEXT
“CIRCUITO FECHADO (2)”, BY RICARDO RAMOS, AND THEIR
RELATIONSHIP WITH INFERENCE

Raissa Lorraine Gomes Montalvão 1

Resumo: Este artigo objetiva analisar o modo como a inferenciação se relaciona com a noção de frames, por meio da análise do conto “Circuito Fechado (2)”, de Ricardo Ramos, e propor estratégias de ensino fundamentadas na investigação. Em relação à metodologia, identificou-se os frames a partir da catalogação disponível nas plataformas FrameNet e FrameNet Brasil. Aqueles que não estavam catalogados foram descritos com base em textos de Fillmore e Duque. Os resultados mostraram que essas estruturas permitem o preenchimento das informações implícitas de um texto por meio da inferenciação. Ademais, os frames que constituem a narrativa estão relacionados e podem ser hierarquizados em superframe, frames básicos e subframes. Observou-se, também, que a metonímia pode ser um mecanismo de acionamento de frames. Este trabalho contribui para a ampliação da noção de inferenciação, traz novas percepções acerca da noção de frame e auxilia no desenvolvimento de abordagens de ensino de leitura e interpretação.

Palavras-chave: Frames. Inferência. Leitura. Cognição. Ensino.

Abstract: This article aims to investigate how inference relates to the notion of frames, through the analysis of the short story “Circuito Fechado (2)”, by Ricardo Ramos, and to propose teaching strategies grounded in the investigation. Regarding the methodology, the frames were identified from the cataloging available on the FrameNet and FrameNet Brasil platforms. Those unclassified were described based on texts by Fillmore and Duque. The results showed that structures allow the implicit information of a text to be filled in through inference. Furthermore, the frames that constitute the analyzed narrative are related and can be hierarchized into superframes, basic frames and subframes. It was observed that metonymy can be included as a frame triggering mechanism. This work contributes to expanding the notion of inference, brings new insights regarding the notion of frame and helps in the development of approaches to teaching reading and interpretation.

Keywords: Frames. Inference. Reading. Cognition. Teaching.

1 Licenciada em Letras: Português pela Universidade Federal de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0235854149385320>.
E-mail: raissamontalvaolts@gmail.com

Introdução

Segundo Marcuschi (2012), os seres humanos se comunicam através de textos, sejam estes orais ou escritos. Assim, as habilidades de leitura e compreensão textual são constantemente acionadas no nosso cotidiano e, portanto, fundamentais para a vida em sociedade. De acordo com Antunes (2009), a leitura não se restringe à extração de sentidos explícitos na materialidade linguística, pois o conteúdo de um texto não está resumido apenas às palavras nele presentes. Ele também é expresso por informações implícitas que precisam ser recuperadas pelo receptor do texto para que o sentido seja preenchido.

Por esse motivo, Marcuschi (2008) afirma que a compreensão textual não é fácil ou natural, mas exige um trabalho cooperativo entre falante/autor, texto e ouvinte/leitor para a produção de sentido. Além disso, ele afirma que, na compreensão, convergem aspectos linguísticos, cognitivos e socioculturais. Dessa maneira, o pesquisador defende que essa percepção rompe com a noção de língua como código e de compreensão como decodificação, inaugurando uma nova concepção de texto como evento comunicativo, no qual o sentido é construído na interação e a compreensão é, basicamente, inferenciação.

Desse modo, por estarem tão presentes no cotidiano e exigirem certa aptidão dos falantes, as habilidades em questão (leitura e compreensão textual) também devem ser trabalhadas em todas as etapas de ensino na educação básica. A importância do desenvolvimento da leitura e compreensão textual nas escolas é reforçada em documentos oficiais, como a BNCC (Brasil, 2018), que estabelece:

a) No Ensino Fundamental – anos finais, é necessário que o estudante saiba:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender - selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes -, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventura, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (Brasil, 2018, p. 69).

b) Na etapa do Ensino Médio, por sua vez, é fundamental que o aluno consiga:

(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social. (Brasil, 2018, p. 507).

Marcuschi (2008) aponta a compreensão textual como uma junção entre materialidade linguística e inferenciação. Todavia, Ferrari (2011, p. 50), numa perspectiva sociocognitiva, destaca um terceiro elemento presente no processo de construção de sentido quando afirma que “as estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente têm papel decisivo na construção do significado”, ao apresentar a noção de *frame* em seu livro *Introdução à linguística cognitiva*.

O conceito de *frame* foi desenvolvido por Fillmore (2009) e é definido pelo autor como

qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente (Fillmore, 2009, p. 25).

Um dos exemplos de Fillmore (2009) para explicar a noção de *frame* é o conceito de “órfão”. A definição da palavra ativa as informações de que as crianças dependem de seus pais para serem

cuidadas e os pais aceitam essa responsabilidade. Caso os pais da criança faltarem, a sociedade precisa proporcionar cuidado e instrução a ela. Todavia, a palavra “órfão” só pode ser atribuída a alguém até certa idade, pois, a partir de determinado momento, a pessoa passa a ser capaz de se cuidar e se sustentar sozinha. Nessa circunstância, o indivíduo perderia o *status* especial de órfão.

Conforme Fillmore (2009), as informações comentadas anteriormente não estão vinculadas à categoria “órfão” ou ao significado da palavra em si. Trata-se de uma informação contextual que pode ser acessada a partir da estrutura do *frame*, o qual é constituído a partir da experiência do falante no mundo.

Os *frames* também são mencionados, em alguns manuais de Linguística Textual, como modelos cognitivos e componentes do conhecimento enciclopédico, em seções referentes à compreensão ou processamento textual (Koch; Travaglia, 2001; Koch, 2011; 2022; Marcuschi, 2012). Normalmente, o conceito é apresentado juntamente com as noções de *script* e esquemas.

Desse modo, considerando a importância da leitura e da compreensão nas diversas atividades humanas e percebendo os *frames* como estruturas essenciais para a construção de sentido, pretende-se discutir, neste artigo, de que modo esses “sistemas de conceitos” se relacionam com a inferenciação. Para isso, lança-se mão da Semântica Cognitiva e da Linguística Textual de base sociocognitiva. Ademais, utiliza-se como material de análise o conto “Circuito Fechado (2)” da obra *Circuito Fechado*, com autoria de Ricardo Ramos (1972).

O “Circuito Fechado (1)”, presente na mesma coletânea, é bastante conhecido, diferentemente do conto selecionado para a investigação, pois é amplamente trabalhado em sala de aula para abordar conteúdos gramaticais. Entretanto, conforme Antunes (2008), explorar a construção de sentido através de implícitos, no trabalho com o texto, também poderia ser produtivo e essencial para o processo de ensino, por isso a importância de investigações nesse sentido. O conto selecionado possui uma forma de composição não prototípica, sem o uso de verbos e com o recurso constante às elipses, o que faz com que a coerência textual seja estabelecida recorrendo-se predominantemente aos implícitos, gerando maior possibilidade de análise da implicitude, do papel dos *frames* e da sua relação com possíveis inferenciações no processo de compreensão textual. Essa característica será melhor apreciada no tópico “análise e discussão dos resultados”.

Os textos do livro *Circuito Fechado* também são citados por Koch e Travaglia (2001) para discutir a relação entre coesão e coerência em textos diversos. Do mesmo modo, Marcuschi (2012) e Oliveira (2012) se referem aos contos de Ramos (1972) como bons exemplos para trabalhar os *frames*. Entretanto, os pesquisadores não aprofundam as discussões sobre os *frames* evocados nas narrativas e a relação dos *frames* com a inferenciação, já que seus objetivos são outros em seus respectivos textos. Desse modo, essa pesquisa procura aprofundar nessa noção.

Em vista dessas considerações, o presente artigo busca responder às seguintes questões: a) quais *frames* são evocados no “Circuito Fechado (2)”, de Ricardo Ramos? b) os *frames* são acionados a partir de quais mecanismos linguístico-cognitivos? c) como os *frames* se relacionam com a materialidade linguística e o processo de inferenciação na construção de sentido dos contos em análise? e d) quais as contribuições dessas reflexões para o ensino de leitura e compreensão textual na educação básica?

Para isso, na seção seguinte, serão abordados os procedimentos metodológicos do estudo. Em seguida, será apresentada a fundamentação teórica, a análise e discussão do conto “Circuito Fechado (2)”, a partir da identificação dos *frames* e da análise da relação com a inferenciação no processo interpretativo, e a proposição de ensino. Por fim, há as considerações finais.

Metodologia

A presente pesquisa pode ser classificada como qualitativa, em relação a sua natureza, pois busca interpretar os dados a partir da semântica de *frames*, inserida nos estudos da Linguística Cognitiva, para explicá-los. Quanto aos objetivos, ela é descritiva, por se pautar principalmente em procedimentos de análise linguística para identificação dos *frames* evocados e das inferenciações possíveis. Considerando a técnica de coleta de dados, pode ser categorizada como bibliográfica, pois está pautada em materiais já publicados, como livros e artigos científicos, sendo o próprio

corpus uma coletânea de contos. A investigação também é aplicada, por propor possibilidades de ensino de leitura e interpretação a partir da associação entre *frames* e inferenciação.

Desse modo, realizou-se, em um primeiro momento, o estudo teórico da literatura de Linguística Cognitiva e, mais especificamente, de artigos e demais materiais bibliográficos que investigam a semântica de *frames*. Além disso, considerou-se estudos da Linguística Textual de base cognitiva que abordam os processos de inferenciação e compreensão de textos, tais como as investigações de Antunes (2008), Marcuschi (2009) e Koch (2011).

Em uma segunda etapa, foi selecionado o conto para compor o *corpus* da investigação. Na coletânea *Circuito Fechado*, de Ricardo Ramos (1972), há cinco contos com estrutura semelhante. A escolha foi realizada de maneira a excluir o “Circuito Fechado (1)”, por ele já ser muito conhecido e citado. Além disso, optou-se por aquele que privilegiasse o uso de nomes (substantivos e adjetivos) em sua estrutura, selecionando, portanto, o “Circuito Fechado (2)”.

No momento seguinte, realizou-se uma primeira análise dos contos, de modo a estabelecer interpretações e verificar possibilidades de *frames* vinculados à informação linguística. A partir dessas pontuações, identificou-se os *frames* no texto escolhido utilizando a catalogação disponível nas plataformas FrameNet e FrameNet Brasil. A primeira foi organizada pela Universidade de Berkeley, com participação de Fillmore e Atkins, e a segunda, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. As plataformas funcionam como dicionários de *frames*, que descrevem os conceitos a partir da estrutura reticulada que eles compõem, além de apresentar os componentes dos *frames* e as unidades linguísticas que as evocam (Fillmore; Atkins, 1992). O uso desse recurso para identificação de *frames* é indicado por Santos e Chishman (2021).

Nessa etapa, também foram considerados os apontamentos de Fillmore e Atkins (1992), Fillmore (2009) e a classificação de Duque (2015), para descrever os *frames* identificados que não estão catalogados nas plataformas utilizadas e proceder uma melhor análise dos mecanismos de evocação dos *frames* identificados.

As inferências foram identificadas com o auxílio da análise literária realizada por Nicolau (2009) e da interpretação da própria autora deste artigo.

Por fim, a partir dos resultados encontrados na investigação, foram propostas possibilidades de ensino de leitura e interpretação pautadas nos estudos de Antunes (2003, 2009), nos resultados de pesquisa e na associação entre a semântica de *frames* e o processo de inferenciação.

Implicitude, inferenciação e a coerência textual

Como já foi exposto anteriormente, Antunes (2009) afirma que um texto é composto por informações implícitas e explícitas. Segundo a pesquisadora, a decisão sobre o que explicitar e o que deixar implícito depende dos saberes que, como autores dos enunciados, o autor acredita compartilhar com seus parceiros de interação. O que é partilhado entre autor e leitor, ou falante e ouvinte, não é explicitado, porém, pode ser apreendido a partir de pistas disponibilizadas pela materialidade linguística. O equilíbrio entre ambos os elementos depende da competência do falante e é fundamental para a coerência textual.

Conforme Koch e Travaglia (2001), a coerência tem relação com a possibilidade de entendimento de um texto. É ela que estabelece uma unidade de sentido, constituindo um mundo textual, que pode ou não corresponder ao mundo real. Assim, a coerência é um princípio de textualidade e de interpretabilidade que não tem relação somente com a dimensão linguística, mas também com aspectos discursivos, cognitivos, culturais e interacionais, pois, para que ela se estabeleça, “haverá sempre necessidade de recurso a conhecimentos exteriores ao texto (conhecimento de mundo, dos interlocutores, da situação, de normas sociais, etc)” (Koch; Travaglia, 2001, p. 42).

A coerência geralmente é mencionada juntamente com outra propriedade textual: a coesão, definida por Antunes (2005, p. 47) como “[...] a propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. Segundo Koch e Travaglia (2001), a coesão pode influenciar a constituição da coerência, mas não é condição necessária. Um texto pode ser coeso e não ser coerente. Também pode ser coerente mesmo sem

possuir coesão. Para exemplificar, os autores apresentam textos que não apresentam conectivos explícitos, semelhantes ao “Circuito Fechado (2)”, que será analisado.

Todavia, neste artigo, partilha-se da perspectiva de Antunes (2005) de que coesão e coerência estão intimamente interligadas. Portanto, considera-se raro haver um texto coerente sem coesão e não partilhamos da percepção de que os textos de *Circuito Fechado* (Ramos, 1972) sejam carentes de recursos coesivos. O que pode ocorrer é que um texto seja construído sem o recurso ao que a estudiosa denomina *coesão pela conexão*, ou seja, a ligação que ocorre entre orações, períodos e parágrafos através do uso de preposições e conjunções. Porém, segundo a linguista, esse é apenas um dos três tipos possíveis de coesão (o mais conhecido), que se complementa com a *coesão pela reiteração* e a *coesão pela associação*.

A coesão pela reiteração ocorre a partir da retomada de elementos mencionados anteriormente no texto, seja por repetição de termos ou pela substituição de um nome por um pronome ou sinônimo, por exemplo. Já a coesão pela associação se dá por uma relação de sentido entre os itens lexicais escolhidos para compor o texto, também chamada de anáfora indireta ou coesão por *frames*.

Os autores (Koch; Travaglia, 2001) também afirmam que o conhecimento de mundo é fundamental para estabelecer o sentido e a coerência. Ele é adquirido a partir das experiências e é armazenado de forma sistemática na memória (Koch, 2011). O processo de apreensão das informações implícitas no texto a partir do conhecimento enciclopédico é chamado de inferenciação. Marcuschi (2008, p. 149) define mais precisamente a inferência como “[...] processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica”. Ademais, Antunes (2009) enfatiza que esse processo não se dá pela relação entre palavras ou pela interdependência dos valores de sentido, mas é uma informação nova que pode ser trazida pela experiência do falante no mundo.

Assim, a inferenciação é um processo essencial para o estabelecimento da coerência textual, já que permite o preenchimento dos “vazios naturais do texto” (Antunes, 2009), produzindo uma unidade de sentido.

Frames: definição e classificação

De acordo com o que foi apresentado anteriormente, Fillmore (2009, p. 25) define *frame* como “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram [...]”. Quando uma palavra vinculada ao *frame* aparece em um texto, todos os demais elementos desse sistema são disponibilizados conjuntamente. Duque (2015) afirma que essas estruturas são inconscientes e constituídas a partir da interação do falante com o ambiente ou com um ouvinte. Todavia, como os padrões cognitivos são explicitados através da linguagem, os *frames* podem ser depreendidos a partir das palavras.

Conforme o autor supracitado, os *frames* podem ser divididos em dois tipos: *frames cognitivos* e *frames interacionais*. Os primeiros dizem respeito à estruturação de *frames* a partir da categorização da experiência e à representação dessa categorização por meio de palavras. O segundo tipo tem relação com o “[...] modo como conceitualizamos o que está acontecendo entre o falante e o ouvinte, ou entre o autor e o leitor” (Fillmore, 2009, p. 32). Dessa maneira, gêneros textuais comporiam *frames* interacionais na medida em que regulam um certo tipo de interação através de usos específicos da linguagem para determinada situação comunicativa.

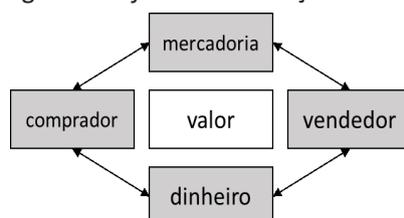
Segundo Duque (2015), os *frames* podem ser evocados a partir de três mecanismos principais. O primeiro é a *seleção lexical*, que atribui certa perspectiva ao conceito; o segundo é o *arranjo gramatical*, ou seja, a estruturação da frase, que enfatiza determinado componente do *frame*; o terceiro é o *mapeamento metafórico*, ou seja, a transferência do material linguístico vinculado a um *frame* que faça as distinções desejadas pelo falante para uma nova situação (Fillmore, 2009).

Para explicar o primeiro mecanismo, Duque (2015) utiliza a distinção entre os lexemas “terra” e “solo”, que fariam referência à mesma entidade, entretanto, quando dizem que “um viajante ficou poucas horas em terra” (Duque, 2015, p. 28, grifo nosso), compreende-se que ele realizava

uma viagem marítima, enquanto, ao ouvir que “um viajante ficou poucas horas em solo” (Duque, 2015, p. 28, grifo nosso), trata-se de uma viagem aérea.

Na segunda situação, o pesquisador apresenta duas sentenças que se referem ao *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL, representado na Figura 1, a seguir: (1) “Carla comprou o computador de Célia por R\$1.000,00”; (2) “Sally vendeu o computador para Carla por R\$1.000,00” (Duque, 2015, p. 28).

Figura 1. Representação gráfica do *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL



Fonte: Duque (2015, p. 30) com base em Fillmore (2009).

Nesse *frame*, os verbos “comprar” e “vender” enfatizam diretamente perspectivas diferentes a partir da mesma situação. Sendo a cena constituída por Vendedor, Comprador, Dinheiro e Mercadoria, o verbo “comprar” enfoca ações do Comprador em relação às Mercadorias, deixando em segundo plano o Vendedor e o Dinheiro, e “vender” destaca ações do Vendedor em relação às Mercadorias, deixando em segundo plano o Comprador e o Dinheiro.

Em relação ao mecanismo de acionamento de *frames* por mapeamento metafórico, Duque (2015, p. 29) utiliza como exemplo a sentença “Governo vai aliviar impostos para pobres [...]”. Para o estudioso, a palavra “aliviar” aciona o *frame* ALÍVIO, que pressupõe os componentes VÍTIMA, SOFRIMENTO, DOR/PESO/AFLIÇÃO, ALIVIADOR/BENFEITOR e NÃO-SOFRIMENTO. Esses componentes são projetados na situação “cobrar impostos”, de modo que o imposto seja conceptualizado como DOR, as VÍTIMAS sejam representadas pelos pobres e o ALIVIADOR ou BENFEITOR seja o governo. Desse modo, as relações implicadas no *frame* ALÍVIO que sejam aplicáveis à redução de impostos são evocadas simultaneamente a partir da sentença que apresenta a metáfora IMPOSTO É DOR, PESO ou AFLIÇÃO¹.

Ao discorrer sobre relação entre *frames* e linguagem, Fillmore (2009, p. 37) afirma que

[...] o processo de compreensão de um texto envolve recuperar ou perceber os *frames* evocados pelo conteúdo lexical do texto e combinar esse tipo de conhecimento esquemático a fim de conceber uma determinada visualização do ‘mundo’ do texto.

Assim, as relações estabelecidas nesses sistemas de conceitos teriam função semelhante ao conhecimento enciclopédico mencionado na seção anterior. Os componentes do *frame* seriam acessados a partir de pistas linguísticas por meio da inferenciação, para que o sentido do texto como um todo fosse constituído. É essa perspectiva sobre a noção de *frames* que se busca destacar na investigação.

Análise e discussão dos dados

Nesta seção, será apresentada a análise do conto “Circuito Fechado (2)”, focalizando os *frames* e a inferenciação, e a proposta de estratégias de ensino de leitura e interpretação vinculadas à investigação.

De acordo com Nicolau (2009), os contos de *Circuito Fechado* (Ramos, 1972) representam o ambiente urbano e as características da modernidade, em que “[...] o espaço e o tempo se tornam reduzidos e se perdem, não ficando bem definidos e delimitados” (Nicolau, 2009, seção 1.2). Esse aspecto se expressa linguisticamente a partir do uso recorrente de elipses, da fragmentação representada por essas supressões linguísticas, pela escassez de frases prototípicas com sujeito,

¹ Para compreender mais sobre a noção de metáfora em Linguística Cognitiva, consultar Lakoff e Johnson (2002).

verbo e objeto e pela economia do uso de conectivos. Em muitos momentos, as ações são representadas somente a partir do cenário e os estados a partir dos objetos citados, como poderá ser notado no “Circuito Fechado (2)”.

Essa fragmentação das frases e o recurso às elipses, no entanto, não prejudicam a compreensão do texto selecionado, pois as informações suprimidas podem ser recuperadas por meio da inferênciação.

A seguir, reproduzimos o conto “Circuito Fechado (2)”:

Circuito Fechado (2)

DENTES, cabelos, um pouco do ouvido esquerdo e da visão. A memória intermediária, não a de muito longe nem a de ontem. Parentes, amigos, por morte, distância, desvio. Livros, de empréstimo, esquecimento e mudança. Mulheres também, com seus temas. Móveis, imóveis, roupas, terrenos, relógios, paisagens, os bens da infância, do caminho, do entendimento. Flôres e frutos, a cada ano, chegando e se despedindo, quem sabe não virão mais, como o jasmim no muro, as romãs encarnadas, os pés de pau. Luzes, do candeeiro ao vagalume. Várias vozes, conversando, contando, chamando, e seus ecos, sua música, seu registro. O alfinete das primeiras gravatas e o sentimento delas. A letra de canções que foram importantes. Um par de alpercatas, uns sapatos pretos de verniz, outros marrons de sola dupla. Tôdas as descobertas, no feito de crescerem e se reduzirem depois, acomodadas em convívio, costume, a personagem, o fato, a amiga. As idéias, as atitudes, as posições, com a sua revisada, apagada consciência. O distintivo sem côr nem formato. Qualquer experiência, de profissão, de gôsto, de vida, que se nivela incorporada, nunca depois, quando é preciso tomá-la entre os dedos como um fio e atá-la. Os bondes, os trilhos. As caixas d’água, os cataventos. Os porta-chapéus, as cantoneiras. Palavras, que foram saindo, riscadas, esquecidas. Vaga praia, procissão, sabor de milho, manhã, o calor passado não adormecia. Um cheiro urbano, depois da chuva no asfalto, com o namôro que arredondava as árvores. Ansiedade, ou timidez, mais antes e após, sons que subiam pela janela entrando muito agudos, ou muito mornos. Sino, apito de trem. Os rostos, as páginas. Lugares, lacunas. Por que não instantes? As sensações, tôdas as de não guardar. O retrato mudando na parede, no espêlho. Desbotando. Os dias, não as noites, são o que mais ficou perdido.

Fonte: Ramos (1972, p. 36-37).

Ao analisar o conto de uma forma global, pode-se notar que a temática central é o envelhecimento. Esse processo é representado, metonimicamente, pela percepção de uma perda gradual da audição, da visão e da memória nas duas primeiras frases, que representam mudanças físicas típicas do avanço da idade. Também é trazido quando o personagem se depara com seu próprio reflexo no espelho e percebe modificações de fisionomia no trecho “O retrato mudando na parede, no espêlho”.

As sensações e percepções do personagem, vinculadas ao processo de envelhecimento, são enfatizadas durante todo o conto. Identifica-se que o personagem é um homem a partir das peças de vestuário. A possível profissão de militar também é inferida a partir da referência a um distintivo.

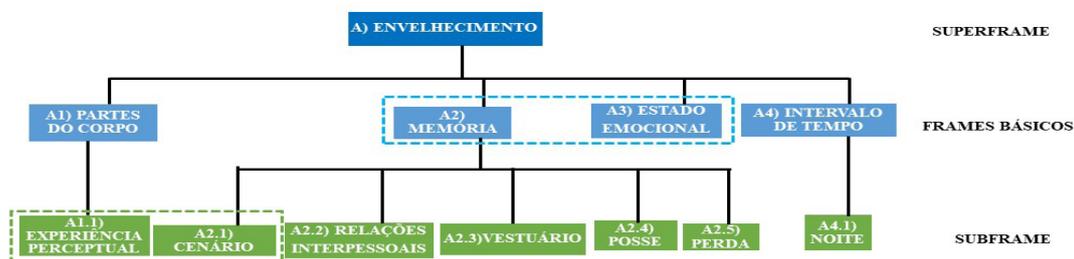
Além da representação de mudanças físicas, o envelhecer também é vinculado à revisitação de memórias. De forma sintetizada, as lembranças estão associadas às relações interpessoais cultivadas e perdidas por motivos diversos, às posses, aos objetos que remetem a experiências, a passeios ou viagens, aos cenários vinculados a situações específicas, à profissão exercida, à reflexão sobre valores e experiências e aos sentimentos experimentados em cada situação.

Como o envelhecimento cronológico se relaciona com os ciclos da vida e o avanço da idade, o tempo é constantemente marcado. Em alguns momentos, isso é feito de forma metafórica, por exemplo, quando o autor se refere à chegada e à despedida das flores, que sinalizam ciclos de nascimento, desenvolvimento e morte. Em outros casos, há uma referência metonímica ao tempo, como quando se menciona os sinos e o apito de trem, que geralmente soam em horários específicos, funcionando como marcadores temporais. A degradação dos objetos que compõem o

espaço também representa esse avançar dos anos e o envelhecimento.

A interpretação feita anteriormente foi possível através do mapeamento de um conjunto de frames evocados durante a leitura do “Circuito Fechado (2)”. Observou-se que os frames mapeados no conto se relacionam e podem ser hierarquizados, conforme apresentado na Figura 2, a seguir. Para descrever essa hierarquização, dividiu-se os frames em superframe, frames básicos e subframes, de acordo com o seu nível de abrangência. O ENVELHECIMENTO é o mais abrangente, a que denominou-se superframe. Os frames básicos estão diretamente vinculados ao superframe e representam estados e processos vinculados ao processo do envelhecimento. Já os subframes são mais específicos. Por exemplo, no caso do frame básico MEMÓRIA, os subframes contêm elementos que provocam a lembrança ou são conteúdo dela.

Figura 2. Hierarquização dos *frames* evocados no conto



Fonte: elaboração própria (2024).

Descrever-se-á os *frames*, as formas de evocação e a hierarquização nos tópicos seguintes, nomeados e hierarquizados a partir do organograma apresentado anteriormente para facilitar a compreensão. Conjuntamente, também serão mencionadas as inferências possíveis considerando cada categoria e será explicada a implicação da relação entre *frame* e inferenciação para o estabelecimento da coerência textual e, conseqüentemente, para o sentido do conto de forma completa.

A título de informação, o mapeamento e a hierarquização dos *frames* do conto, observados na Figura 2, foram inspirados nos estudos sociocognitivos sobre categorização, que dividem as categorias em níveis, tais como o superordenado, o básico e o subordinado.

A) ENVELHECIMENTO

O *frame* ENVELHECIMENTO perpassa todo o “Circuito Fechado (2)”, pois se associa à temática central do conto. Nesse *frame* “uma ENTIDADE está passando por alguma mudança na IDADE, normalmente relacionada a alguma deterioração ou alteração no seu estado” (FrameNet Brasil, 2024, termo de busca “envelhecimento”). Ele é evocado principalmente em trechos que descrevem alterações físicas do personagem ou a degradação dos objetos ao seu redor, que marcam mais concretamente a mudança de estado de uma entidade qualquer, mencionada na citação.

Segundo Nicolau (2009), a primeira frase do “Circuito Fechado (2)”, “DENTES, cabelos, um pouco do ouvido esquerdo e da visão” lista partes do corpo humano que se desgastam com a idade. A expressão “um pouco do ouvido esquerdo” é metonímica de duas formas: por representar a PARTE DO CORPO PELA FUNÇÃO, ou seja, utilizar a palavra ouvido para se referir à audição, e por utilizar a expressão partitiva *um pouco* para se referir à perda da capacidade auditiva.

Ademais, a frase “A memória intermediária, não a de muito longe, nem a de ontem” divide a memória em tipos específicos: a intermediária, memória de longo prazo (a de muito longe) e a memória de curto prazo (a de ontem). A memória é uma função corporal que também se desgasta com a idade, e a materialidade linguística do texto indica esse desgaste a partir da alegação de que

permanece somente a memória intermediária.

As mudanças do corpo com o avançar da idade também estão retratadas no antepenúltimo período do conto, em que se diz “O retrato mudando na parede, no espelho. Desbotando”. O trecho retrata as mudanças notadas na fisionomia do próprio personagem ao se olhar no espelho e, ao mesmo tempo, o desgaste de um objeto com o passar do tempo (o retrato na parede).

Palavras que se referem a alterações físicas em pessoas e desgastes em objetos evocam o *frame* ENVELHECIMENTO. Todavia, a percepção de um certo saudosismo na personagem, que revisita suas MEMÓRIAS, e a passagem do tempo, marcada pela sucessão de INTERVALOS DE TEMPO, também são aspectos que se relacionam com esse processo. Por isso, o *frame* descrito nesse tópico é considerado um *superframe* na interpretação do conto, com o qual se relacionam todos os demais. Os *frames* diretamente vinculados ao ENVELHECIMENTO foram denominados *frames* básicos e são: PARTES DO CORPO, MEMÓRIA, ESTADO EMOCIONAL e INTERVALO DE TEMPO.

A1) PARTES DO CORPO

Na primeira frase do conto, pode-se inferir que se trata da descrição de uma pessoa. Isso não é explicitado linguisticamente, mas são listadas partes constituintes do corpo humano que, metonimicamente, a partir da relação PARTE PELO TODO², identificam um indivíduo. Cada nome que se refere a uma estrutura corporal evoca o *frame* PARTES DO CORPO (FrameNet, 2024, tradução nossa) cuja ênfase é a dimensão básica do *frame*. No caso do conto em questão, a PARTE DO CORPO identifica um POSSUIDOR, um indivíduo, ao apresentar um conjunto de componentes que configuram a cabeça do corpo humano, para se referir à pessoa como um todo.

A referência à memória, cujo trecho já foi mencionado anteriormente, também identifica o indivíduo, mas agora não se trata diretamente de uma parte do corpo e sim de uma função cerebral que, por metonímia, se refere ao cérebro, do cérebro se refere à cabeça e da cabeça se refere ao corpo, sendo, portanto, PARTE PELA PARTE e depois PARTE PELO TODO.

Da mesma forma, no trecho “Várias vozes, conversando, contando, chamando [...]”, as vozes identificam as pessoas que as possuem. Trata-se de um produto da vibração das cordas vocais, constituintes do aparelho fonador. A voz é característica para cada pessoa e, por isso, é mais específica para identificar um sujeito particular, ou seja, o POSSUIDOR.

As PARTES DO CORPO configuram um *frame* básico vinculado ao *superframe* ENVELHECIMENTO, pois este último destaca principalmente as alterações físicas da entidade. Além disso, desta estrutura conceitual deriva o *subframe* EXPERIÊNCIA PERCEPTUAL, porque a percepção ocorre a partir dos órgãos de sentido, que são PARTES DO CORPO.

A1.1) EXPERIÊNCIA PERCEPTUAL

A experiência perceptual está diretamente ligada ao corpo humano, especialmente aos órgãos do sentido: a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato. No conto, pode-se perceber a presença do recurso da sinestesia, ou seja, vários sentidos são evocados durante a leitura. Essa percepção dos FENÔMENOS a partir dos sentidos compõe o *frame* EXPERIÊNCIA PERCEPTUAL (FrameNet, 2024, tradução nossa), também integrada pelo elemento PERCEPTOR. O perceptor é o personagem que está sendo descrito durante todo o conto e esse contato com suas percepções atribui certa humanidade e proximidade do leitor com o protagonista. A percepção sensorial está presente em trechos como: “[...] o calor passado não adormecia” (tato); “Um cheiro urbano, depois da chuva no asfalto [...]” (olfato); “[...] sons que subiam pela janela entrando muito agudos, ou muito mornos” (audição e tato); “sabor de milho” (paladar).

No organograma (Figura 2), o *subframe* EXPERIÊNCIA PERCEPTUAL está conectado ao

² Trata-se aqui de uma sinédoque, muitas vezes diferenciada da metonímia quando se descreve figuras de linguagem. No entanto, os cognitivistas, ao estudarem a metonímia conceptual, inserem a sinédoque como um tipo de metonímia, como em Lakoff e Johnson (2002) e Cuenca e Hilferty (2007), pois nesse fenômeno ocorre a conceptualização de uma coisa por meio de sua relação com outra coisa, característica da metonímia.

CENÁRIO por uma linha tracejada. Esse recurso gráfico é utilizado para indicar uma relação indireta entre ambos os *frames*, já que a percepção também remete a cenários específicos, como também pode ser notado nos trechos acima, que sugerem cenários mais urbanos, como a rua, identificada pela menção ao asfalto.

A2) MEMÓRIA

Como o conto narra as experiências de um homem que toma consciência de seu envelhecimento, a memória está muito presente. A lembrança das relações, dos livros, dos objetos e o que eles simbolizam em relação à existência desse sujeito são revisitadas a cada momento. Desse modo, é evocado o *frame* MEMÓRIA (FrameNet Brasil, 2024), constituído pelo CONTEÚDO lembrado ou esquecido, o PENSADOR ou aquele que lembra, e o TÓPICO ou assunto do CONTEÚDO lembrado. O *frame* MEMÓRIA tem como *subframes* CENÁRIO (A2.1), RELAÇÕES INTERPESSOAIS (A2.2), VESTUÁRIO (A2.3), POSSE (A2.4) e PERDA (A2.5).

O *frame* é evocado em diversos trechos, como “Várias vozes, conversando, contando, chamando, e seus ecos, sua música, seu registro”, no qual as palavras “ecos” e “registros” remetem, respectivamente, a um distanciamento temporal em relação a essas vozes (pessoas) e o que foi registrado, guardado em relação a esses momentos vividos. O eco representa a distância, pois é um fenômeno acústico que acontece, geralmente, em espaços amplos, em que um som emitido reverbera em alguma superfície e retorna repetidamente. Metaforicamente, ele se refere às vozes que não estão sendo mais emitidas por pessoas, mas continuam reverberando na memória. A referência a essas pessoas e a lembrança das vozes na frase também podem ser vinculadas ao *subframe* RELAÇÕES INTERPESSOAIS, que será apresentado posteriormente.

A MEMÓRIA também está presente no fragmento “O alfinete das primeiras gravatas e o sentimento delas”, pois a personagem (PENSADOR) remonta ao momento desses primeiros usos da PEÇA DE VESTUÁRIO (CONTEÚDO) e das sensações que ela provoca. As peças de roupa compõem o *frame* VESTUÁRIO. Além disso, em “A letra de canções que foram importantes”, tem-se essa retomada de momentos do passado a partir das músicas ouvidas, destacada a partir do verbo no passado.

No trecho “Vaga praia, procissão, sabor de milho, manhã, o calor passado não adormecia”, os elementos listados e a sensação expressa por “calor passado” fazem referência à lembrança de algum passeio ou viagem realizada em região litorânea, a partir da evocação do *frame* CENÁRIO. É possível inferir que se trata de uma memória porque o verbo “adormecia” está conjugado no pretérito.

A2.1) CENÁRIO

Durante o conto, são utilizadas palavras que remetem a CENÁRIOS de forma metonímica, ou seja, componentes do cenário que se referem ao local de maneira completa como forma de trazer para a enunciação elementos da MEMÓRIA. Um exemplo é o trecho “Os bondes, os trilhos. As caixas d’água, os cataventos. Os porta-chapéus, as cantoneiras”. No primeiro período, os elementos listados evocam a imagem de uma rua em cidade grande, sendo o bonde um importante meio de transporte da época. A frase seguinte representa um ambiente externo a uma casa, onde ficam as caixas d’água e os cataventos. A terceira parte do trecho se refere a uma parte interna da casa a partir da listagem dos móveis. Desse modo, a sequência de lugares permite a inferência de que o personagem sai do bonde, atravessa o quintal e entra na casa.

A2.2) RELAÇÕES INTERPESSOAIS

No trecho “Parentes, amigos, por morte, distância, desvio” o texto evidencia tipos de relações, como parentesco ou amizade, evocando o *frame* RELAÇÕES INTERPESSOAIS (FrameNet Brasil, 2024). Nesse *frame*, constituído pelos PARCEIROS da relação, algumas palavras podem referir

o tipo de relacionamento e outras versam sobre acontecimentos vinculados ao início ou término da relação. No período em questão, não há um verbo ou nome que indique uma ação ou evento, mas são evidenciadas palavras geralmente relacionadas a causas de finalização de relações, permitindo a inferência. Esse sentido é enfatizado pelo uso da preposição “por”, que geralmente estabelece uma relação de causa e consequência. Dessa maneira, “distância” e “desvio” remetem à unidade lexical “afastamento”, e “morte” evoca a categoria PERDA DE ALGUÉM, ambas associadas ao *frame* RELAÇÕES INTERPESSOAIS. As relações estão presentes, ainda, nos trechos “Mulheres também, com seus temas” e “[...] o namoro que arredondava árvores”.

A2.3) VESTUÁRIO

As peças de vestuário também são listadas e descritas, como na frase “O alfinete das primeiras gravatas”. O *frame* VESTUÁRIO (FrameNet, 2024, tradução nossa) possui, como um de seus elementos, o USUÁRIO, além de apresentar um ESTILO próprio e o USO. No caso do fragmento citado, a gravata é uma peça de roupa geralmente utilizada por homens, identificando, portanto, um USUÁRIO do sexo masculino.

O trecho “Um par de alpercatas, uns sapatos pretos de verniz, outros marrons de sola dupla” também faz essa identificação do personagem como um homem, já que essa informação não está marcada em conjugações verbais, substantivos ou adjetivos em outras partes do conto. Esse fragmento descreve sapatos típicos de um traje masculino formal. A expressão “porta-chapéus” evoca o *frame* VESTUÁRIO ao identificar, metonimicamente, o acessório “chapéu” a partir do móvel utilizado para guardá-lo. Tais elementos do vestuário constituem também flashes da memória afetiva do enunciador.

Ademais, o período “O distintivo sem côm nem formato” se refere a um ACESSÓRIO DE VESTUÁRIO utilizado especificamente por profissionais de segurança, pendurado ao pescoço ou preso ao cinto, para fácil identificação quando estes não estão fardados. O distintivo sugere a profissão do protagonista. Além disso, nessa frase fica marcado o desgaste do objeto pelo tempo de uso, ao afirmar que ele já não tem cor e nem formato, retomando o *frame* ENVELHECIMENTO. Por estar desgastado, o acessório já não serve para a sua função de identificar ou distinguir. De modo mais amplo, a referência ao distintivo e a sua caracterização pode significar, no plano denotativo, o desgaste com o tempo e, no plano conotativo, a desimportância, na fase da velhice, das conquistas profissionais, que, no momento da enunciação, estão “sem côm nem formato”.

A2.4) POSSE

Na frase “Móveis, imóveis, roupas, terrenos, relógios, paisagens, os bens da infância, do caminho, do entendimento” evoca-se o *frame* POSSE (FrameNet Brasil, 2024), cujos componentes são: o objeto de POSSE, representado por todos os elementos listados no trecho, e o POSSUIDOR, que seria a personagem descrita ao longo de todo o conto. Aqui, a concepção de “entendimento” como posse caracteriza uma projeção metafórica como mecanismo de acionamento do *frame*. O “entendimento” não é literalmente uma posse, pois não possui valor monetário, todavia, por ser algo valioso para a personagem, ele é concebido como posse. Assim, os elementos que compõem o *frame* POSSE se projetam na conceptualização de CONHECIMENTO.

Os itens de posse do personagem também são lembrados a partir do trecho “os bens da infância, do caminho, do entendimento”, demonstrando a relação desse *subframe* com o *frame* básico MEMÓRIA.

A2.5) PERDA

Como na sequência textual do conto tem-se falado de perdas pessoais, ao se deparar com o trecho “Livros, de empréstimo, esquecimento e mudança”, atribui-se também esse sentido de perder algo. Há uma supressão do verbo que indicaria esse evento, contudo, algumas palavras evidenciam MEIOS com os quais geralmente se perde a POSSE de livros. Sendo assim, a partir da materialidade linguística, é evocado o *frame* PERDER (FrameNet Brasil, 2024), em que um POSSUIDOR perde aquilo que está sob sua POSSE, devido a um MEIO específico. Esses livros também são lembrados pelo protagonista do conto, mesmo que já não estejam mais sob o seu domínio.

A3) ESTADO EMOCIONAL

No conto, as sensações da personagem também são evidenciadas em alguns trechos. Sentimentos e sensações evocam o *frame* de evento ESTADO EMOCIONAL (FrameNet Brasil, 2024), representado na Figura 2 a partir do verbo *sentir*, no qual há um EXPERIENCIADOR que manifesta uma EMOÇÃO. O *frame* é evocado quando emoções como “ansiedade, ou timidez, mais antes ou após” são mencionadas, ou quando se remete ao sentimento das primeiras gravatas, já citado. Neste último caso, o ESTADO EMOCIONAL se vincula à MEMÓRIA, às sensações vinculadas ao retorno às situações, por isso ambos os *frames* estão conectados por uma linha pontilhada no organograma.

O *frame* ESTADO EMOCIONAL também engloba a avaliação de uma sensação interna, como quando o protagonista percebe em si “As sensações, tôdas as de não guardar”, ou seja, aquelas que não se deveria sentir ou armazenar.

A4) INTERVALO DE TEMPO

No fragmento “Flôres e frutos, a cada ano, chegando e se despedindo”, é marcada a passagem do tempo, caracterizando um período específico do ano em que as flores nascem e morrem. Esse evento se relaciona com o *frame* INTERVALO DE TEMPO (FrameNet, 2024, tradução nossa), constituído por uma DURAÇÃO e um ESTADO. A categoria ESTAÇÃO (SEASON), no sentido de estação do ano, compõe esse *frame* de dimensão básica, o que indica uma referência à primavera a partir do evento de chegada das flores. O trecho em questão também evoca a estrutura de conceitos CENÁRIO DE CICLOS EXISTENCIAIS (FrameNet, 2024, tradução nossa), a partir dos verbos “chegando” e “se despedindo”, que demonstram que essas ENTIDADES (flôres e frutos) surgem e, depois, deixam de existir.

As estações do ano, como representações de ciclos da renovação das folhas, nascimento e desenvolvimento dos brotos, floração, degradação e morte das flores, também simbolizam o ciclo da vida e suas diversas etapas (infância, juventude, idade adulta e velhice). Da mesma forma que as plantas, os seres humanos nascem, se desenvolvem e morrem. Alguns também se reproduzem. Essa metáfora demonstra o ciclo de existência e a finitude da vida.

A passagem de tempo também está marcada no trecho “Sino, apito de trem.”, pois o sino geralmente toca com alguma regularidade para marcar as horas, e o trem costuma partir e chegar em horários estabelecidos.

A4.1) NOITE

A categoria NOITE não está sistematizada nas plataformas de busca utilizadas na pesquisa, porém ela se relaciona com a divisão dos dias e horários devido ao trabalho, da mesma forma que o *frame* FIM DE SEMANA, descrito por Fillmore (2009). Segundo o autor, a semana é dividida em sete dias, em que cinco são destinados ao trabalho e dois são dedicados ao descanso. O conceito de fim de semana surge dessa organização. Da mesma forma, para sistematizar o *frame* NOITE, pode-se notar que um dia apresenta vinte e quatro horas, divididas entre a porção em que a Terra está iluminada pelo sol, chamada DIA, e a porção em que não há luz solar e a paisagem torna-se escura, a NOITE. Em profissões mais convencionais, culturalmente, o trabalho é realizado durante o dia e a noite é reservada para o descanso e o lazer.

O fato de a NOITE corresponder ao INTERVALO DE TEMPO (FrameNet, 2024, tradução nossa) em que está escuro é representado no conto por meio da frase “Luzes, do candeeiro ao vagalume”, pois o candeeiro geralmente é acendido no horário noturno para iluminar o ambiente, enquanto os vagalumes, insetos que possuem luminosidade, tornam-se visíveis também nesse período do dia. Trata-se da representação da NOITE a partir dos focos de luz que se destacam no escuro.

A possibilidade de descanso e lazer vinculada à noite, a partir da divisão do dia, está presente no trecho “Os dias, não as noites, são o que mais ficou perdido”, pois o lazer noturno é mais

valorizado como experiência humana do que o trabalho realizado durante o dia. A NOITE também pode ser lida como metáfora para a velhice, no conhecimento popular, no qual se relaciona as fases da vida aos períodos do dia. Assim, a manhã representaria a infância, a tarde remeteria à vida adulta e a noite se associaria à velhice.

Conforme observou-se na análise, diversos *frames* são evocados ao longo da leitura do conto e preenchem as informações implícitas no texto. As estruturas de conceitos são acionadas por informação lexical, gramatical, projeção metafórica ou até mesmo por metonímia. Esta última ainda não havia sido mencionada como mecanismo de evocação de *frames*.

O texto, por ser econômico em relação a recursos coesivos, apresentar elipses, ser composto por frases aparentemente fragmentadas e explorar profundamente a metonímia como recurso estilístico, é produtivo no sentido de exploração da implicitude para produzir sentidos. As informações implícitas são recuperadas por inferenciação, possibilitando a construção da coerência pelo leitor e a identificação do mundo textual, como a inferência de que o personagem é homem ou que o texto retrata o processo de envelhecimento.

Proposição de ensino

Para uma proposta de ensino, não se pretende, aqui, sugerir que a relação entre inferenciação e a semântica de *frames* seja ensinada explicitamente aos alunos, pois isso poderia gerar dificuldades sem o tratamento didático que uma abordagem assim exige para ser aplicada na educação básica. O que se almeja propor é que os educadores, no exercício de serem também pesquisadores (Geraldi, 2010), compreendam a inferenciação como um processo cognitivo complexo, além de sugerir uma ampliação da noção de inferência, para considerar também o modo como conceitos são estruturados cognitivamente em *frames*. Essa compreensão pode orientar a prática pedagógica do professor.

Ao discorrer sobre leitura e interpretação, Antunes (2009) defende a importância do trabalho com os implícitos nas aulas de língua portuguesa. Desse modo, propõe-se que sejam realizadas atividades que explorem a inferência e estimulem os alunos a refletir sobre quais são as relações entre as informações inferidas e a materialidade linguística.

Como uma entre várias abordagens possíveis de ensino, sugere-se que o conto “Circuito Fechado (2)” seja trabalhado com alunos do 8º, 9º anos e Ensino Médio. De posse da noção de *frames* e sua relação com a inferência, o(a) professor(a), inicialmente, pode realizar a leitura do texto com os alunos e, depois, pode fazer perguntas provocativas do tipo: de que o texto está falando? Quais pistas o autor deixou que você pode utilizar para provar que o assunto é o que você está dizendo? A que informações mais amplas remete o trecho “DENTES, cabelos, um pouco do ouvido esquerdo e da visão”? É alguém que foi esquarterado, desmontado ou é alguém que observa seu próprio corpo? Como essa relação entre partes do corpo e o sujeito que as possui é possível? Por que o trecho menciona “um pouco do ouvido esquerdo e da visão”? Depois disso, o(a) professor(a) e alunos, colaborativamente, podem compor uma interpretação global do texto a partir das inferências realizadas ao longo da leitura, descartando inferências pouco plausíveis e selecionando as plausíveis.

Isso possibilitaria uma maior compreensão de como o processo de inferenciação ocorre, utilizando a intuição do falante, sem adentrar discussões puramente linguísticas. Também poderia auxiliar os alunos a desenvolverem a sua habilidade de produzir inferências.

Considerações finais

Discutiu-se, no artigo, a importância e a recorrência da implicitude no processo de leitura e como é relevante exercitar a habilidade de inferenciação nas aulas de língua portuguesa para aprimorar a capacidade de interpretação. Ademais, refletiu-se sobre a relação entre os *frames* e a inferenciação. A literatura em Linguística Textual aponta para essa relação, porém não há tantos estudos que analisam, de forma aprofundada, a vinculação entre *frames* e inferenciação. Este artigo se propôs a isso, a partir da análise do “Circuito Fechado (2)”, conto esteticamente semelhante ao “Circuito Fechado (1)”, muito abordado em aulas de língua portuguesa.

Os principais achados dessa pesquisa são os seguintes: (a) as informações necessárias para preenchimento dos sentidos implícitos são retomadas, ou inferidas, a partir dos *frames* evocados pela materialidade linguística no conto analisado; (b) o “Circuito Fechado (2)” não apresenta mecanismos coesivos explícitos (coesão por conexão), mas pode-se afirmar que há coesão por associação; (c) o uso da metonímia também pode ser um meio linguístico-cognitivo para a evocação de *frames*; (d) para a interpretação de um texto (literário, em nosso caso), é possível hierarquizar *frames*, os quais podem dialogar um com o outro; (e) os contos do livro *Circuito Fechado* (Ramos, 1972) podem constituir uma excelente sugestão para o professor trabalhar inferência e, conseqüentemente, interpretação de texto em aulas de língua portuguesa.

Assim, a investigação contribui para a ampliação da concepção de inferenciação no campo da Linguística, sob a influência da Linguística Cognitiva; para os estudos sobre *frame* e para o ensino, na medida em que propõe abordagens em sala de aula e fornece embasamentos que podem impactar na prática pedagógica.

Referências

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ANTUNES, I. Os vazios naturais do texto e sua coerência. In: ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 105-124.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editora Ariel S. A., 2007.
- DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015.
- FERRARI, L. *Frames* e Modelos Cognitivos Idealizados. In: FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 49-58.
- FILLMORE, C.; ATKINS, B. T. Toward a Frame-Based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTA, E. F. **Frames, Fields, and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization**. New York: Routledge, 1992. p. 75-102.
- FILLMORE, C. Semântica de Frames. Traduzido por Galeno Fae da Silva. **Cadernos de Tradução**, n. 25, p. 25-54, jul/dez, 2009.
- FRAMENET BRASIL. **Dados: Lexicon**. Disponível em: <https://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>. Acesso em: 01 jan. 2024.
- FRAMENET. **FrameNet Search**. Disponível em: https://framenet.icsi.berkeley.edu/framenet_search. Acesso em: 01 jan. 2024.
- GERALDI, J. W. **Aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- KOCH, I. V. Aspectos cognitivos do processamento textual. In: KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2011. p 35-51.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2022.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Processos de compreensão. *In*: MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 229-281.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz? São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NICOLAU, T. F. S. Retratos da cidade contemporânea em contos de Circuito Fechado, de Ricardo Ramos. *In*: **Anais do SILEL**. v.1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgltclfindmkaj/https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt02_artigo_9.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

OLIVEIRA, G. A. **Processos cognitivos que operam na configuração de narrativas**: uma pesquisa exploratória dos fenômenos que subjazem à compreensão de textos. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 166, 2012.

RAMOS, R. **Circuito fechado**: contos. São Paulo: Martins, 1972.

SANTOS, A. N.; CHISHMAN, R. Metodologias baseadas em corpus para descrição de frames semânticos: desafios e possibilidades. **TradTerm**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 236-264, jan. 2021.

Recebido em 18 fevereiro 2024.

Aceito em 26 maio 2024.